



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

Atena
Editora

Ano 2020



HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR
(ORGANIZADOR)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADE E DIFERENÇAS

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F339	<p>Fenomenologia e cultura [recurso eletrônico] : identidades e representações sociais / Organizador Helton Rangel Coutinho Junior. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-078-0 DOI 10.22533/at.ed.780202805</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Fenomenologia. 3. Identidades. I.Coutinho, Helton Rangel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 323</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book Fenomenologia e Cultura: Identidades e Representações Sociais apresentará dez artigos relacionados a uma diversidade de temáticas que se espraiam em nossos cotidianos de diferentes formas. Antes de iniciar sua leitura cabe uma breve ponderação sobre os conceitos implicados.

Fenomenologia é aqui compreendida como o desvelar de agentes inerentes a fenômenos sociais que permitem a melhor compreensão das relações instituídas nas arenas coletivas. Prima por caracterizações que extrapolem as noções de conflito inerentes a uma situação de exploração decorrente de um sistema de produção, muito comum nas leituras marxianas. Atem-se, principalmente, a dados que permitam aos leitores, por si sós, descreverem e reterem informações referentes ao universo que se abre com as apreciações de materiais coletados expostos de forma a aguçar o espírito crítico e investigador.

Desta feita, todos os artigos presentes englobam aspectos relacionados a formação de identidades e representações sociais em um campo cultural. Cultura é então percebida como o conjunto de valores e práticas sociais vertidas diante de um contexto social. Identidade implica na concepção de projetos de vida que se atrelem a construção de projetos societários. Enquanto representações sociais se referem aos níveis de performance, linguagens, uso da língua, posturas e retratações que infiram percepções sobre identidades e elementos de dados momentos da nossa história e da trajetória de nossas instituições.

Mas calma, no capítulo 1 será esmiuçado um pouco das bibliografias pertinentes aos conceitos de fenomenologia e cultura em suas possibilidades correlatas. Já os capítulos 2 ao 7 referendam experiências práticas relacionadas ao campo da educação em sua multiplicidade de abordagens possíveis, destacando, principalmente, consequentes relacionados a nossa miscigenação cultural e os tensionamentos postos pela valorização dessa que envolvem desde a ressignificação de noções de pertencimento a raízes africanas até questões de gênero decorrentes do perfil de professores.

Em consequente, dos capítulos 8 ao 10, são expostas possibilidades de tratamento do cosmos espraiado por práticas em saúde. Explicitam-se as provocações advindas de todo um ecossistema de fauna e flora, do histórico de algumas fundações em saúde firmadas pela nobreza clerical e dos avanços representados pelos transplantes de órgãos, suas normas e distorções.

Dessarte, os referidos artigos, para sua melhor leitura, perpassam o conceito de hipertexto. Esse requer não só a atenção às narrativas apresentadas por seus autores, mas a percepção de suas interconexões com outras leituras, associações e veículos que lhes dão vida. Salienta-se o conjunto de questões que é trazida

pelo bojo de uma multiplicidade de nuances e repercussões correlatas a realidade hodierna.

Por esse prisma, o elemento cultural marcador, que agrega os diferentes textos aqui apresentados, se relaciona ainda a premente necessidade da multidisciplinaridade de saberes e importância de uma visão integral sobre as arrebações dos viventes e seus dilemas consoante o conjunto de possibilidades postas pelo universo telúrico.

Helton Rangel Coutinho Junior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ: UM PARADIGMA PARA PENSAR A CULTURA	
José Vitor Lemes Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.7802028051	
CAPÍTULO 2	14
LITERATURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: UM RESGATE DA CULTURA NEGRA EM PROL DA INSERÇÃO SOCIAL E ELIMINAÇÃO DE RACISMOS E PRECONCEITOS	
Gleides Ander Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.7802028052	
CAPÍTULO 3	25
ASPECTOS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE SOBRE JOÃO PAULO BORGES COELHO	
Patricia de Oliveira Rezende	
DOI 10.22533/at.ed.7802028053	
CAPÍTULO 4	38
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A CAPOEIRA, CONSTRUINDO A ESCOLA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “DONA ISABEL”, DO MESTRE TONI VARGAS”	
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7802028054	
CAPÍTULO 5	50
HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: A LEI 10.639/03 NO DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DO CNPQ	
Nicácia Lina do Carmo Leilah Santiago Bufrem	
DOI 10.22533/at.ed.7802028055	
CAPÍTULO 6	58
O ESPAÇO ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: PERTENCIMENTO E REAFIRMAÇÃO CULTURAL	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7802028056	
CAPÍTULO 7	67
SOBRE PROCESSOS E ELEMENTOS PRESENTES NAS RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES HOMENS NOS ANOS INICIAIS	
Maria da conceição Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7802028057	
CAPÍTULO 8	78
A IMPORTÂNCIA DA INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR NA REGIÃO CENTRO SUL DO ESPÍRITO SANTO - BRASIL	
Daniele Custódio Gonçalves das Neves Katia Cilene Tabai	
DOI 10.22533/at.ed.7802028058	

CAPÍTULO 9	91
AÇÕES DE CONTROLE DA RAIVA ANIMAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA USINA HIDRELÉTRICA DE SERRA DA MESA, NORTE DE GOIÁS, BRASIL	
Leonardo Aparecido Guimarães Tomaz	
Valéria de Sá Jayme	
Marlon Zortéa	
Aires Manoel de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7802028059	
CAPÍTULO 10	110
A LITERATURA DEVOCIONAL OS CUIDADOS A SAÚDE EM PORTUGAL (SÉCS. XV-XVI)	
André Costa Aciole da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78020280510	
CAPÍTULO 11	123
ANÁLISE DO TRÁFICO DE ÓRGÃOS SOB O ÂNGULO JURÍDICO-SOCIAL	
Marcela Rodrigues Almeida	
Laís Moreira Barros	
Orisval Paulino Dos Junior Santos	
Renata Botelho Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.78020280511	
SOBRE O ORGANIZADOR	135
ÍNDICE REMISSIVO	136

ASPECTOS CULTURAIS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: UMA ANÁLISE SOBRE JOÃO PAULO BORGES COELHO

Data de aceite: 12/05/2020

Patricia de Oliveira Rezende

Mestre pelo Programa de Pos-Graduacao em
Estudos de
Literatura da Universidade Federal Fluminense

RESUMO: o referido artigo versa sobre as contribuições de crônicas, reportagens jornalísticas, literatura e história na estruturação de elementos culturais e representações sociais sobre dada realidade. Para tanto, terá como referência o personagem histórico ficcional João Albasini retratado pelo autor moçambicano João Paulo Borges Coelho em seu livro *O olho de Hertzog*.

PALAVRAS-CHAVE: Historia. Ficcao. Mocambique. Joao Albasini.

CULTURAL ASPECTS AND SOCIAL REPRESENTATIONS IN THE MOZAMBICAN LITERATURE: AN ANALYSIS ON JOÃO PAULO BORGES COELHO

ABSTRACT: this article deals with the contributions of chronicles, journalistic reports, literature and history in the structuring of cultural elements and social representations about a

given reality. For that, it will have as reference the fictional historical character João Albasini portrayed by the Mozambican author João Paulo Borges Coelho in his book *O Olho de Hertzog*.
KEYWORDS: History. Fiction. Mozambique. Joao Albasini.

1 | INTRODUÇÃO

O referido artigo parte dos pressupostos apresentados na dissertação intitulada “O ficcional e o histórico na literatura de João Paulo Borges Coelho” apresentada ao Programa de Pos-Graduacao em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense – Mestrado em Estudos Literários.

A dissertação propôs-se a realizar uma reflexão sobre a fronteira entre o ficcional e o histórico na literatura de Joao Paulo Borges Coelho, autor moçambicano, nascido em 1955, vivo até a atualidade. Na ocasião, buscou-se investigar estratégias narrativas relacionadas a elaboracao de estruturas romanescas capazes de expandir e subverter a imagem revelada do passado através da literatura. Nesse artigo, serão apresentadas análises sobre a construcao do personagem Joao Albasini como recurso narrativo para

recuperação e inserção da história na trama romanesca de *O olho de Hertzog*.

2 | OS PAPÉIS DOS ALBASINIS: ENTRE O FICCIONAL E O HISTÓRICO

João Albasini, a figura histórica, foi um jornalista moçambicano, pioneiro no desenvolvimento da imprensa de Moçambique, iniciada na segunda metade do século XIX. Os jornais criados por ele e o seu irmão José Albasini – *O Africano* e *O Brado Africano* – foram de grande contribuição ao jornalismo e grande ferramenta para a publicação de textos dos principais escritores no início do século XX, servindo de incentivo ao momento inicial da literatura no país.

João dos Santos Albasini (ou *Nwandzengele* – seu nome em ronga) nasceu em 2 de novembro de 1876, no Magule, foi filho da aristocracia local, de mãe mulata, estudou em uma missão católica de Lourenço Marques. Estudou Direito em Lisboa, tornou-se caçador e negociante de marfim, e, posteriormente, chefe de uma comunidade changana no norte do Transvaal. Em 1861, tornou-se vice-cônsul de Portugal na República do Transvaal e, em 1868 doou suas terras ao governo português para a formação da colônia de São Luís. No entanto, a partir dessa mudança para o Transvaal até o fim de sua vida, em 1888, parece que havia perdido contato com a sua família pertencente ao primeiro casamento.

Em 1897, João dos Santos Albasini, o neto, casou-se com Bertha Carolina Heitor (Nwana-wa-tilu, também conhecida como Bondade) e teve dois filhos: Beatriz (Minyembeti) e Carlos Eduardo. O casamento durou 19 anos e, após o divórcio, Albasini escreveu diversas cartas não correspondidas a Michaela Loforte, que seriam publicadas em 1925, em um livro póstumo de crônicas e contos: *O livro da dor*. O escritor e jornalista moçambicano, já bastante conhecido pelos jornais publicados em sua época, morreu de tuberculose jovem, aos 46 anos, em 16 de agosto de 1922, em Lourenço Marques.

Vale lembrar que o jornalista João Albasini foi, antes de tudo, cronista, fato que lhe gerou algum prestígio. Abandonou suas reflexões de gabinete e revolucionou o jornalismo moçambicano, adotando a reportagem de maneira bastante própria, única e crítica. Quando ia atrás da notícia, estivesse ela nas ruas, nos ambientes miseráveis, no meio político, nos lugares da boemia ou qualquer outro espaço, lá ia o cronista investigar. Esse escritor do final do século XIX e início do XX, demonstrava uma grande consciência do papel da imprensa no mundo moderno. Ligado ao instante, prendia-se à matéria, delineando uma obra em construção, aberta, inacabada, como se fosse uma narrativa poética semanal, feita do imediato, do retrato do cotidiano urbano. Foi justamente a partir dessa combinação entre a vida literária e a imprensa, num momento de necessidade contínua de informações, que fez avançar a vinculação dos literatos aos jornais, que também se renovavam

tecnicamente. Como homem de letras que era, abarcou por toda a vida o jornalismo e foi considerado um dos primeiros grandes repórteres moçambicanos do período inicial do século XX.

Segundo os pesquisadores César Braga-Pinto e Fátima Mendonça:

O jornal *O Africano* (1908 – 1918) e *O Brado Africano* em sua primeira fase (1918-1938), ambos fundados por João Albasini, inserem-se no contexto de uma série de iniciativas reivindicatórias que se manifestaram isoladamente em diversas partes da África subsaariana, assim como dos emergentes movimentos intelectuais de afro-descendentes nas Américas, cujas idéias começavam a ser conhecidas também no continente africano. Desde o começo do século, nota-se um grande intercâmbio de idéias entre as elites de intelectuais negros nas colônias africanas e intelectuais da diáspora africana nas Américas e nas metrópoles europeias. (MENDONÇA; BRAGA-PINTO, 2014, p. 45)

É importante destacar que João Albasini fazia parte de uma nova categoria social integrada pelos assimilados que constituíam parte de uma elite mulata questionadora em relação à rigidez da estrutura colonial. Além disso, existiam muitos outros desafios tais como a escassez de papel impresso, a censura de autoridades portuguesas ou burocratas que se sentiam ofendidos por alguma publicação, a falta de meios de transporte para a circulação dos jornais, o reduzido número de leitores diante de uma maioria analfabeta e a diversidade de línguas:

Percebe-se assim que o ambiente intelectual em Lourenço Marques na virada do século era bastante diversificado, e nele a língua portuguesa predominava, embora não fosse a única empregada nos meios de comunicação. Historiadores têm notado que os primeiros jornalistas profissionais de Lourenço Marques teriam sido ingleses que escreviam para o público que passava por Lourenço Marques, cidade que na época ficara conhecida em inglês como “Delagoa Bay”. Muitos jornais da região eram publicados integralmente em inglês, a língua geralmente associada aos negócios, tais como *The Lourenço Marques Advertiser* e o anuário *The Delagoa Directory*. (...) (MENDONÇA; BRAGA-PINTO, 2014, p. 47)

João Albasini, sendo um profissional da imprensa, registrava não só as transformações e o cotidiano de Lourenço Marques quanto acontecimentos do país e do mundo. E para divulgar seus escritos, também optava por pseudônimos como disfarce, estratégias para a conquista de diversos leitores, multiplicava-se em algumas máscaras. Ainda de acordo com César Braga-Pinto e Fátima Mendonça:

(...) É nestes jornais que João Albasini desenvolve uma intensa actividade como jornalista e publica os editoriais e crónicas que o viriam a tornar famoso pelo seu carácter reivindicativo e polémico. Com seu estilo retórico poderoso, o cronista pugnava por direitos civis para os africanos. Muitos de seus textos não eram assinados, e alguns escritos sob pseudônimos, sendo os mais famosos João das Regras e Chico das Pegas. Consta nos seus obituários que, antes de fundar *O Africano* em 1908, teria colaborado para os jornais *Vida Nova* e *Diário de Notícias*. Em 1918, os fundadores do *O Africano* o venderam ao Padre Vicente do Sacramento, para logo em seguida fundarem *O Brado Africano*.

Em 24 de setembro de 1919, um ano antes de ser revogada a portaria do assimilado, João Albasini, já muito doente, deslocou-se a Portugal a bordo do vapor Beira para tratar da saúde e, segundo notícias da época, de “interesses

João Albasini, preocupado com questões vigentes do seu tempo, levava reais reivindicações a Lisboa para tratar de questões legislativas acerca da discriminação dos indígenas e assimilados.

Conforme os estudiosos Fátima Mendonça e César Braga-Pinto (2014), a partir do século XX, a publicação de periódicos nas colônias portuguesas em África passa a ser mais sólida, constante e com tiragens maiores, sem um exclusivo objetivo comercial ou colonial tão evidente. Os escritores desses jornais passam a ter reconhecimento como autores e ganham um público próprio.

Nessa sociedade moderna, ávida de informações, o uso político da imprensa visando manter o direcionamento das transformações, expandiram e desenvolveram a importância dos jornais; ampliaram-se os espaços onde os literatos podiam atuar e surgia aos poucos o típico profissional da imprensa. Somente no início do século XX, a partir de um misto híbrido de jornalismo e literatura, é que a crônica ganharia espaço nesse contexto, seria tão frequente nas publicações de João Albasini, que passou a virar uma marca nas publicações jornalísticas da época. Segundo o historiador Sidney Chalhoub:

Surgidas ao acaso, da espontaneidade de uma conversa, as crônicas teriam como uma de suas características primeiras a leveza. Ao tratar de temas diversos, alinhavados pela arte das transições, fariam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Presos aos assuntos do dia, tais textos seriam efêmeros e passageiros, ligando-se de forma direta a seu tempo (...) Por não terem sido ‘escritas para a posteridade’, como apontou John Gledson, foram muitas vezes tomadas como textos ligeiros e sem importância, a serem esquecidos nas páginas dos jornais velhos”. (CHALHOUB, 2005, p. 9-10)

A crônica, como diálogo mais direto e estreito de temas e questões de seu tempo, delineava os contornos de um gênero que teria importância central na produção literária da época. Não se trata de um gênero tão leve e simples, o cronista tinha que buscar incessantemente os acontecimentos de maior divulgação e destaque, a fim de construir uma cumplicidade entre autor e leitor. Isso só se dava através de temas que permitissem a ambos uma discussão de questões de interesse desse público leitor. A leitura das crônicas exige uma atenção especial para interpretar o processo de sua elaboração narrativa e os escritores diários não separam o texto do contexto, tornando a crônica uma possível construção de realidade, passível de questionamentos e transformações. Um elemento peculiar desse tipo de narrativa que diverge de outros gêneros literários é a indeterminação.

3 | CRÔNICAS EM ÁFRICA

O campo temático, os objetivos da série, estão intrínsecos a discussões que o cronista deseja suscitar, sendo sempre vulnerável a situações do cotidiano que não

se pode avaliar com precisão. Há uma abertura da parte do escritor de criar novas identidades — pseudônimos — e estar sempre refletindo, de forma flexível, sobre pontos que queira modificar e redirecionar.

O interessante dessa flexibilidade do cronista, é a possibilidade de novas discussões a qualquer momento; em determinada coluna, por exemplo, ao identificar que determinado assunto já estava esgotado de questionamentos, propunha-se temas novos, o que era notório nos escritos de João Albasini. Ancorado no presente, partindo da observação do cotidiano que lhe fornecia os assuntos, o cronista não abria mão de testemunhar o seu tempo, de ser seu porta-voz. As crônicas, quase sempre, são respostas a certas perplexidades pessoais e sociais. Contudo, o jornalista moçambicano ainda ia além:

Como foi sugerido, mesmo não tendo até agora sua obra reunida, João Albasini não deixa de ser um escritor canônico e fundador de uma tradição das mais significativas dentro da história literária de Moçambique; (...) pode-se sem dúvida identificar uma linhagem que se insinua a partir da publicação do primeiro número de *O Africano* (...), chegando àqueles hoje considerados de maneira unânime como figuras verdadeiramente fundadoras da literatura nacional moçambicana, e que sem dúvida estão entre seus maiores expoentes: nomeadamente, os admiráveis poetas José Craveirinha e Noémia de Sousa. Confirma-se assim a partir da publicação d' *O Africano* uma rede ao mesmo tempo transnacional e trans-histórica de textos e ideologias, cujo significado só poderá ser compreendido a partir da leitura e estudo comparado de obras que em grande parte permanecem inéditas e dispersas em outros jornais. (MENDONÇA; BRAGAPINTO, 2014, p. 50-51)

É relevante ressaltar que *O Brado Africano*, fundado por João Albasini em 1918, também será um semanário e, da mesma forma que o jornal *O Africano*, publicará uma página em landim ou língua ronga, o que o tornou extremamente popular. No entanto, dessa vez, havia uma preocupação pontual em atingir especificamente o público mestiço e os raros negros alfabetizados, além de brancos que pudessem ter algum interesse por suas notícias, muitas vezes consideradas polêmicas. A importância desse jornal também será incontestável para a imprensa de Moçambique:

O Africano e o *O Brado Africano* funcionaram por isso como veículo de um contra-discurso retórico de resposta a esse aparelho jurídico o qual viria a consagrar-se no Acto Colonial em 1930. Foi talvez este o único período em que, na generalidade, a Imprensa, independentemente dos seus interesses de grupo e da sua proveniência ideológica - maçónica anarco-sindicalista ou protonacionalista -, se posicionou de forma crítica relativamente ao governo (local ou central), cujo poder se fazia sentir nas diversas leis. (MENDONÇA; BRAGA-PINTO, 2014, p. 22)

No fundo, uma das grandes contribuições de João Albasini foi a de demonstrar que se pode transformar tudo que está à nossa volta em objeto de literatura, de jornalismo e de História, o seu olhar próximo ao mundo miserável, foi uma profunda denúncia de uma sociedade moçambicana pouca disposta a refletir às reivindicações

levantadas pelo jornalista.

Na concepção do cronista, para a compreensão da real identidade de sua cidade era preciso caminhar por um mundo ocultado pelo processo de urbanização. Não simplesmente para contrapor ao mundo do luxo burguês, mas para revelar o lado oprimido e sofrido do novo tempo e para descobrir o cotidiano e a alegria de viver dos populares que mantinham sua cultura e hábitos singulares.

Sendo assim, João Albasini foi reconhecido como o primeiro jornalista relevante de Moçambique, autor de obra literária que divide fases na construção da literatura moçambicana e grande divulgador dos primeiros escritores do país. Como sujeito bastante atuante politicamente, defendeu ferozmente a cidadania do mulato e do indígena, demonstrou preocupações com as questões de gênero, ao refletir sobre o papel social da mulher, e valorizou enfaticamente a educação como mola propulsora da formação de uma outra sociedade e civilização.

Albasini realizou ainda a denúncia de diversos desajustes sociais. Em suma, em suas crônicas, trazia à tona reflexões de seu tempo sobre uma série de elementos legislativos, até então desconhecidos pela maioria, em uma descrição minuciosa de “um mundo invisível” a muitos que ganha destaque e atenção em seus jornais.

4 | O OLHO DE HERTZOG

Após este breve estudo histórico sobre a vida do escritor e jornalista João Albasini, analisaremos o seu papel ficcional em *O olho de Hertzog*, de João Paulo Borges Coelho (COELHO, 2010). É relevante ressaltar, no entanto, que embora este não tenha sido o protagonista da obra — e sim Hans Mahrenholz ou Henry Miller — a sua participação foi fundamental para a compreensão histórica, cultural e geográfica não exatamente de Lourenço Marques, em Moçambique, mas também de outros espaços desconhecidos do leitor, onde até mesmo Portugal, por exemplo, seria quase um acaso ali.

Vale lembrar, também, que o romance não se propõe a ser a continuação de fatos históricos, levando o leitor a apreender representações multifacetadas do real. O autor da obra literária em questão parece lançar-nos algumas perguntas pontuais, um tanto quanto complexas e filosóficas para respondê-las: O que é, então, a realidade? Há uma outra verdade? O que é o contar? Todos os relatos dos personagens em *O olho de Hertzog* (COELHO, 2010) parecem ser inacabados, desfiados e pouco amarrados na trama construída por João Paulo Borges Coelho.

No início da narrativa, após os conflitos de guerra apresentados, o controverso e conhecido coronel Glück envia uma missão a Hans Mahrenholz: recuperar um diamante perdido. A partir dessa relação pessoal de confiança estabelecida em

campo de batalha, o alemão viaja pela primeira vez à Lourenço Marques, na identidade do jornalista inglês Henry Miller, estratégia para poder se aproximar de João Albasini, única referência para a sua chegada em Moçambique. Entretanto, na construção dessa interação entre os dois últimos, Hans só tem o específico interesse pela investigação que o levou para aquele lugar, nada mais além disso.

Hans o tempo todo procura relembrar as recomendações de Glück, porém, descobrir a identidade de Albasini passa a suscitar, ao menos, a curiosidade do alemão, em um território em que as questões étnicas são um tanto quanto complexas para a compreensão de um europeu ainda distanciado da realidade de vida dos povos das colônias africanas.

Para compreender essa realidade sob os olhos do alemão Hans Mahrenholz, o leitor perambula pelas ruas de Lourenço Marques, na exclusiva companhia de Albasini, e enxerga através de um olhar mais sensível e humanizado do narrador a desigualdade explícita dos trabalhadores que dão vida e contorno à formação daquela cidade. O jornalista mestiço, rebelde e crítico dos problemas sociais assume grande importância na narrativa não só por conta do jornal, mas também dos laços estreitos de amizade que vão sendo construídos lentamente entre os dois.

Hans começa a se cobrar, precisa, de alguma forma, legitimar a identidade do inglês Henry Miller, contudo, é necessário que seja mais próximo e agradecido à única referência de contato confiável estabelecido naquela cidade, onde cada espaço percorrido o intrigava e surpreendia a todo instante.

A veia histórica de João Paulo Borges Coelho, assim como a teia de informações e reflexões tecidas através do histórico e ficcional de João Albasini e o seu periódico, é marcante na caracterização da narrativa. Outra questão também peculiar na obra são os diversos recortes de fragmentos de anúncios comerciais da época, frequentemente desconexos e escritos em diferentes línguas, como o português, o francês, o inglês e até a língua ronga, dependendo da localização do lugar.

Em contraponto, fica evidente o quanto a memória de cada personagem pode construir e reconstruir os espaços de identidades recortadas e soltas no decorrer da história. Ao mesmo tempo que Hans já parece percorrer todos os lugares apresentados em Lourenço Marques, o foco do seu olhar ainda é cumprir a sua missão pessoal, parece que o protagonista ainda não estabeleceu uma relação de pertencimento ao ambiente explorado e nem quer aprofundar laços naquela cidade.

Somente no momento em que Albasini encontra o seu espaço de trabalho destroçado, se dá conta de sua participação quase direta na investigação do diamante, só restando a Hans esclarecer a real situação e, finalmente, revelar a sua verdadeira identidade.

Aqui fica evidente a dependência de Hans e a sua disposição em buscar a

amizade de Albasini, momento ficcional misturado ao imaginário histórico-cultural daqueles anúncios e ruas pertencentes a Lourenço Marques. Vale lembrar que essas inúmeras formas de propaganda se destacam na narrativa como um todo; há uma noção, em várias situações do romance, do excesso de reclames espalhados pela cidade, reveladores do crescimento urbano desordenado. História e Literatura no mesmo universo ficcional.

Quando Hans chega em Moçambique, tudo é novo, depende do apoio do povo africânder, de João Albasini e dos rumos da própria História de Moçambique, todavia o alemão se depara com personagens que também escondem a própria trajetória de vida, cada interlocutor relata o seu olhar diante dos mesmos acontecimentos. O que essa passagem revela é que ao longo do tempo Hans passa a escolher essa dependência construída com o jornalista — que inesperadamente também se revela como sujeito de ambiguidades —, ao mesmo tempo em que se desfaz de outras dependências.

João Albasini, através de vários heterônimos, assumia diferentes identidades sociais de acordo com o contexto apresentado e o público-alvo que quisesse atingir. O jornalista, em meio às contradições, procurava se flexibilizar para ser ouvido, por meio de uma escrita que variava entre a formalidade e a informalidade, preocupação, ou até mesmo uma despreocupação proposital, em relação às regras gramaticais da língua portuguesa.

Esse enfoque histórico do livro traz registros essenciais para a compreensão real sobre a política adotada pelo jornal de Albasini, em protesto à discriminação para com assimilados. Retoma uma reflexão contundente da estrutura do sistema colonial e as distâncias e aproximações entre culturas e povos, e o lugar social de cada um dentro dessa realidade: “Finalmente, não será até a sua raça — nem branco nem preto — ela própria uma ambiguidade?”(COELHO, 2010, p. 383).

Diante das contradições de cada um, a amizade entre Hans e Albasini estabelece-se de fato, sem mais questões, provavelmente a única história consolidada em um emaranhado de outras histórias no romance de João Paulo Borges Coelho.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas das passagens referentes as personagens do livro ‘O olho de Hertzog’ decorrem de algum conhecimento proveniente das histórias vividas e narrativas de sujeito histórico representado por João Albasini. Tais narrativas acabam por perdurar em imaginário histórico-cultural, revelando identidades por meio da literatura e do escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho.

A produção literária e registros jornalísticos de Albasini, trazem à tona

reivindicações ricas para um espaço de reflexões sobre a condição colonial, além de tornar visível um novo significado àquele espaço, outrora de muitos silêncios. A memória de Albasini apresenta-nos uma espécie de denúncia sobre a situação de vida de trabalhadores, massacrados pela miséria e condições precárias de trabalho em detrimento ao domínio do espaço urbano, excludente socialmente e etnicamente. O editorial do jornalista moçambicano, não deixava passar despercebido nenhum tipo de notícia sobre o universo de trabalhadores que viviam à margem dessa sociedade.

Entre entraves profissionais e pessoais, Albasini revelou em sua escrita uma espécie de arma de defesa e acusação de fatos silenciados por muitos outros jornais de sua época. O jornalista explorava todos os espaços e conhecia de perto o cotidiano e realidade dos trabalhadores, o próprio *O Brado Africano* se destacava por ter um editorial bastante peculiar, crítico, irônico e polêmico para o olhar da maioria da colônia portuguesa.

Sua obra auxilia na percepção das mudanças na cidade, na identificação dos mistérios da religião, das artes e das tradições populares, que desapareciam por ação de um projeto de urbanização. Tenta captar todas as experiências de vida, em um tempo tão turbulento do pós-guerra, de mudanças sociais. O escritor trazia à tona a questão étnica, tão relevante naquele contexto. Surpreende, em seu texto, a particularidade do feminino em tempos sem espaço para qualquer tipo de discussão de gênero, seu retrato da degradação e miséria gritantes

O misto Albasini histórico e ficcional, se desenha pelas personagens presentes em *O olho de Hertzog* (COELHO, 2010). Estrutura-se por alguma lógica e unidade, dentro de uma diversidade de identidades alinhavadas por João Paulo Borges Coelho, cujo papel de criação — por mais amplo, criativo e bem construído que seja — delimita-se na própria história. Há um recorte da complexidade do mundo real. Ainda assim, Albasini destaca-se no entre-lugar, já que é um personagem repleto de contradições, entre a frágil fronteira da realidade e da ficcionalidade. Sendo assim, o jornalista não poderia ser representado em sua totalidade no romance moçambicano, mesmo diante das transcrições de publicações reais dos seus escritos em vida, em outro tempo e espaço.

Contraditoriamente, o leitor empírico ainda permanece em uma posição diferente dessa análise, e, embuído pelo encanto da ficção, acredita que aqueles personagens certamente viveriam o real, tal qual vivemos a história narrada. O valor da criação artística estaria também na interpretação, transformação dessa realidade e capacidade do escritor de reinventar, por exemplo, uma biografia, como a do jornalista Albasini, seguida de uma nova rede de relações desenvolvidas ao seu redor, dentro do plano ficcional. Provavelmente, se João Paulo Borges Coelho fixasse o seu trabalho estritamente nos documentos do plano real, o romance

perderia o seu caráter por essência, embora a narrativa moçambicana, em estudo, seja marcada justamente por transitar entre a história e as histórias fictícias construída pelo autor.

Em consequência, um personagem bem fundamentado em pesquisas possui uma credibilidade e originalidade singulares, mais amplas que a própria vida aos olhos do leitor. Nesse contexto, Antonio Cândido destaca um questionamento relevante:

No processo de inventar a personagem, de que maneira, o autor manipula a realidade para construir a ficção? A resposta daria uma ideia da medida em que a personagem é um ente reproduzido ou um ente inventado. Os casos variam muito, e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza. (CÂNDIDO, 2009, p. 62)

O escritor, por mais empenhado e determinado que seja, não está apto para apreender o real em sua integridade, e a vida nas particularidades de cada ser; somente o poder de readaptação, transformação e seleção de fragmentos dessa realidade seriam, provavelmente, as estratégias viáveis para a produção de um romance histórico, como a narrativa em estudo de João Paulo Borges Coelho, no qual a ficcionalização e o mundo próprio criado pelo autor são mais relevantes. Ainda, conforme Antonio Cândido: “Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes” (CÂNDIDO, 2009, p. 63).

Vale ressaltar que a obra literária, em foco, não é uma continuação do real, assim como não se propõe a trazer para o leitor uma representação definitiva sobre qualquer sujeito histórico, tempo ou espaço; há mesmo uma representação multifacetada do real, descortinada através das memórias dos personagens, ou seja, o romance transforma a vida.

Nesse sentido, em uma entrevista feita com João Paulo Borges Coelho, pela pesquisadora Rita Chaves, o próprio autor traz uma importante reflexão sobre a linha tênue entre a atividade literária e a atividade de historiador, nas quais o escritor moçambicano transita:

Certamente que haverá traços da actividade de historiador na minha prática literária: no talvez excessivo rigor na localização do espaço-tempo das tramas, nas estruturas causais das explicações etc. Todavia, não vejo a literatura como complemento do discurso histórico (“dizer pela ficção aquilo que a história não seria capaz de dizer”), longe disso! Pelo contrário, procurei a literatura como quem procura, não a complementariedade, mas o contraste. A história está sujeita ao paradigma da verdade, procura ser objectiva, ao passo que a literatura está mais próxima da imaginação e da intuição. Certamente que a imaginação também joga um papel fundamental da prática historiográfica, mas trata-se de uma imaginação responsável, freada, que se solta para logo em seguida a procurarmos controlar. (COELHO *apud* CHAVES, 2009, p. 153)

João Paulo Borges Coelho é um historiador que conhece bem a História de Moçambique e os diferentes modos de demonstração da cultura moçambicana, e através de personagens históricos, assim como João Albasini, tenta resgatar memórias no espaço da literatura, capazes de refletir no momento presente e passar por marcos relevantes do país. A propósito, a cidade de Lourenço Marques, em *O olho de Hertzog* (COELHO, 2010), parece sugerir temas ao jornalista da narrativa, cujo trabalho propiciava uma especial entrega a um estudo minucioso de observação das ruas, a fim de lhes descobrir sua essência. Nesse ínterim, o leitor do romance teve a oportunidade até de apreciar alguns fragmentos de crônicas reais, escritas em vida pelo Albasini histórico.

Sob esse aspecto, dentro do romance de João Paulo Borges Coelho, a imprensa de Albasini representaria como uma das molas propulsoras para a cultura, o que se publicava seria importante pela provocação do debate e, de certa forma, fragmentos de transcrições das crônicas da época também seriam formas de recuperar, para o leitor, parte desse passado.

Em linhas gerais, o percurso profissional de João Albasini e enfrentamentos em torno da legislação discriminatória sobre os indígenas e os assimilados, entre outros acontecimentos, são fatos que aparecem de maneira tão espontânea na narrativa, que o leitor nem percebe se há uma outra verdade, ou como o dado factual é desfigurado dentro da metaficção historiográfica de João Paulo Borges Coelho.

Nesse ínterim, a pesquisadora Elena Brugioni traz uma relevante contribuição para esse estudo, ao elaborar uma análise bastante particular para a relação entre o real, o ficcional e a memória, em *O olho de Hertzog* (COELHO, 2010):

É ainda por via desta estratégia narrativa que a dicotomia entre verdade e ficção é ultrapassada, configurando o texto literário como um lugar de resgate da História e, sobretudo, como um espaço de enunciação da memória. Aliás, a questão que concerne a dimensão epistemológica que se prende com a prática de construção de uma cultura histórica, antes salientada pelo próprio autor, representa um eixo crítico matricial deste texto. A este propósito, as categorias cruciais são, sem dúvida, as que remetem para constelações críticas e conceptuais tais como público/privado, história/memória, objectividade/ testemunho proporcionando uma reflexão teórica e epistemológica complexa no que concerne a escrita literária e os seus desdobramentos numa dimensão cultural e política contextual e situada. (BRUGIONI, 2012, p. 394-395)

Diante desse apontamento, qual seria, afinal, a função de João Albasini na trama? Tal personagem, criado por João Paulo Borges Coelho, foi fundamental para o encadeamento dos fatos no romance, um dos porta-vozes de seu tempo, das contradições do sistema colonial e das fragilidades da presença portuguesa não só em Moçambique, mas em outros territórios africanos, em um contexto ainda mais amplo, assim como a própria figura histórica de Albasini, simbólico na História de Moçambique. Através do jornalismo, muitas de suas críticas contundentes

ganharam alguma visibilidade, gerando debates significativos sobre a queda de projetos sociais e políticos, bastante silenciados na sociedade colonial.

O autor moçambicano parece reorganizar elementos identitários singulares da figura histórica de Albasini, a fim de reconstruir o personagem no texto literário; espaço onde a História e a memória se fundem. O que é importante ressaltar sobre essa dualidade entre a figura histórica do jornalista moçambicano e o personagem do romance, são as memórias das publicações, para que o leitor possa apreender muito mais acerca do recorte histórico de tempo e espaço na obra literária. Para Myrian Sepúlveda dos Santos: “Escrever sobre a memória é escrever, por um lado, sobre a relação entre indivíduo e sociedade e, por outro, sobre a relação entre passado, presente e futuro” (SANTOS, 2012, p.196). Desta forma, o Albasini histórico não se encerra naquele período colonial, pois o personagem ainda dialoga, neste instante, com o indivíduo — leitor.

Constatamos, assim, a relevância em pensarmos o quanto a visibilidade de jornalistas mestiços, qual João Albasini, representam uma realidade peculiar no período colonial moçambicano. E é preciso registrar que para o crítico literário Homi K. Bhabha:

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 19-20)

A busca da identidade na diferença, revela muitas culturas, assim como Albasini e as denúncias publicadas em seu jornal sobre as questões de gênero, étnicas, entre tantas outras discussões sociais e políticas debatidas em discursos originais e únicos. O personagem Albasini dialoga, na narrativa, sobre a sua preocupação a respeito de todos terem um sentimento de unidade, de identificação pelo sofrimento comum, em um mesmo coletivo de marginalizados da colônia moçambicana, ainda que cada um carregue sua história pessoal de vida.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRUGIONI, Elena. “Resgatando Histórias Épica Moderna e Pós-Colonialidade: uma Leitura de *O Olho de Hertzog*, de João Paulo Borges Coelho”. In: BRUGIONI, Elena; PASSOS, Joana;

SARABANDO, Andrea; SILVA, Marie-Manuelle (Org.). *Itinerâncias: Percursos e Representações da Pós-Colonialidade*. Braga: Universidade do Minho, 2012.

CÂNDIDO, A. "A Personagem do Romance". In: CÂNDIDO, A; GOMES, Paulo Emílio S; PRADO, Décio de A; ROSENFELD, A. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CHAVES, Rita. "Entrevista com João Paulo Borges Coelho." In: *Via Atlântica* (Ensaio sobre trabalhos de João Paulo Borges Coelho e sobre o escritor) / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 15 e 16 (2009) – São Paulo: Departamento, 2009.

COELHO, João Paulo Borges. *O olho de Hertzog*. Alfragide: Editora Leya, 2010.

CHALHOUB, Sidney, Neves, Margarida de Souza e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda (organizadores). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

MENDONÇA, Fátima & BRAGA-PINTO, César. *João Albasini e as luzes de Nwanzengele*. Maputo: Alcance Editores, 2014.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2ª edição, 2012.

SOBRE O ORGANIZADOR

HELTON RANGEL COUTINHO JUNIOR - Possui graduação em Serviço Social, História e Direito pelas instituições Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Estácio de Sá, respectivamente. Possui ainda especializações nas áreas de Historiografia Brasileira, Direito Constitucional (ambas pela Faculdade Venda Nova do Imigrante- ES) e Sociologia Urbana (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pela linha de pesquisa “Questões socioambientais, urbanas e formas de resistência social”. Atualmente cursa Letras junto a Universidade Cruzeiro do Sul e participa de projeto de extensão das Editoras parceiras Universidade do Livro/UNESP- Universidade Estadual Paulista com fins ao aprofundamento de elementos relacionados a editoração, preparo e produção de textos em suas diferentes modalidades. E-mail: heltonrcj@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendência 58, 64
Agricultura Familiar 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
Alfred Schütz 1, 2, 9, 12
Apiacá 78, 79, 82, 83, 84, 85
Aprendizagem 10, 38, 48, 63
Assistência 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 121, 122, 128
Atílio Vivacqua 78, 79, 82, 83, 84, 85

C

Cacheiro de Itapemirim 78, 79
Cachoeiro de Itapemirim 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90
Camundongos 92, 96, 97
Capoeira 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48
Castelo 78, 79, 82, 83, 84, 85
Crime Organizado 123, 125, 126, 133
Cultura 1, 2, 4, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 30, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 77, 80, 108, 114, 115, 116, 120, 121, 122

D

Dignidade humana 125, 132, 133
Direito Penal 123
Diversidade 18, 20, 22, 23, 24, 27, 33, 39, 48, 59, 60, 62, 80, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 98, 100, 101, 104, 107, 109, 132

E

Educação 14, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 30, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 65, 66, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 104, 110
Enfermos 110, 111, 114, 115, 117, 119
Ensino 17, 18, 19, 23, 38, 39, 40, 47, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 69, 72, 76, 77, 80, 89
Epidemiologia 90, 92, 93, 94, 103
Escola 16, 17, 19, 23, 38, 39, 43, 46, 48, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 70, 71, 72, 96, 107
Espírito Santo 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86

F

Foucault 38, 39, 44, 49, 61

G

Goiás 95, 98, 102, 104, 106, 107, 108, 110, 123

H

Hospitais 110, 111, 114, 116, 117, 119, 120, 126, 133

I

Idade Média 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 121

Intersetorialidade 78, 80, 81, 89, 90

J

Jerônimo Monteiro 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

L

Lei 10.639/03 23, 39, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Literatura Africana 14, 21, 22

Literatura devocional 110, 119

M

Max Weber 2, 9

Mimoso do Sul 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86

Ministério da Educação 23, 38, 49, 57, 80

Morcegos 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Muqui 78, 79, 82, 83, 84, 85

P

Patrimônio 38

PNAE 78, 79, 80, 81, 82, 86, 88, 90

Políticas Públicas Intersetoriais 79

Portugal 20, 21, 26, 27, 30, 77, 90, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 119, 120, 121, 122

Práticas em saúde 110, 112, 113

R

Raiva 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Região Central Sul 81, 82, 83, 84, 85, 86

S

SAN 78, 79, 80, 81, 87, 88

Sociedade 2, 4, 7, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 28, 29, 30, 33, 36, 39, 45, 47, 48, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 72, 75, 81, 123, 126, 127, 130

Sociologia 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 52, 58, 65, 135

T

Tráfico de Órgãos 123, 125, 127, 129, 130

Transplante de órgãos 124, 126, 128, 130, 132

U

Unidades de ensino 48, 80

V

Vargem Alta 78, 79, 82, 83, 84, 85

 **Atena**
Editora

2 0 2 0